

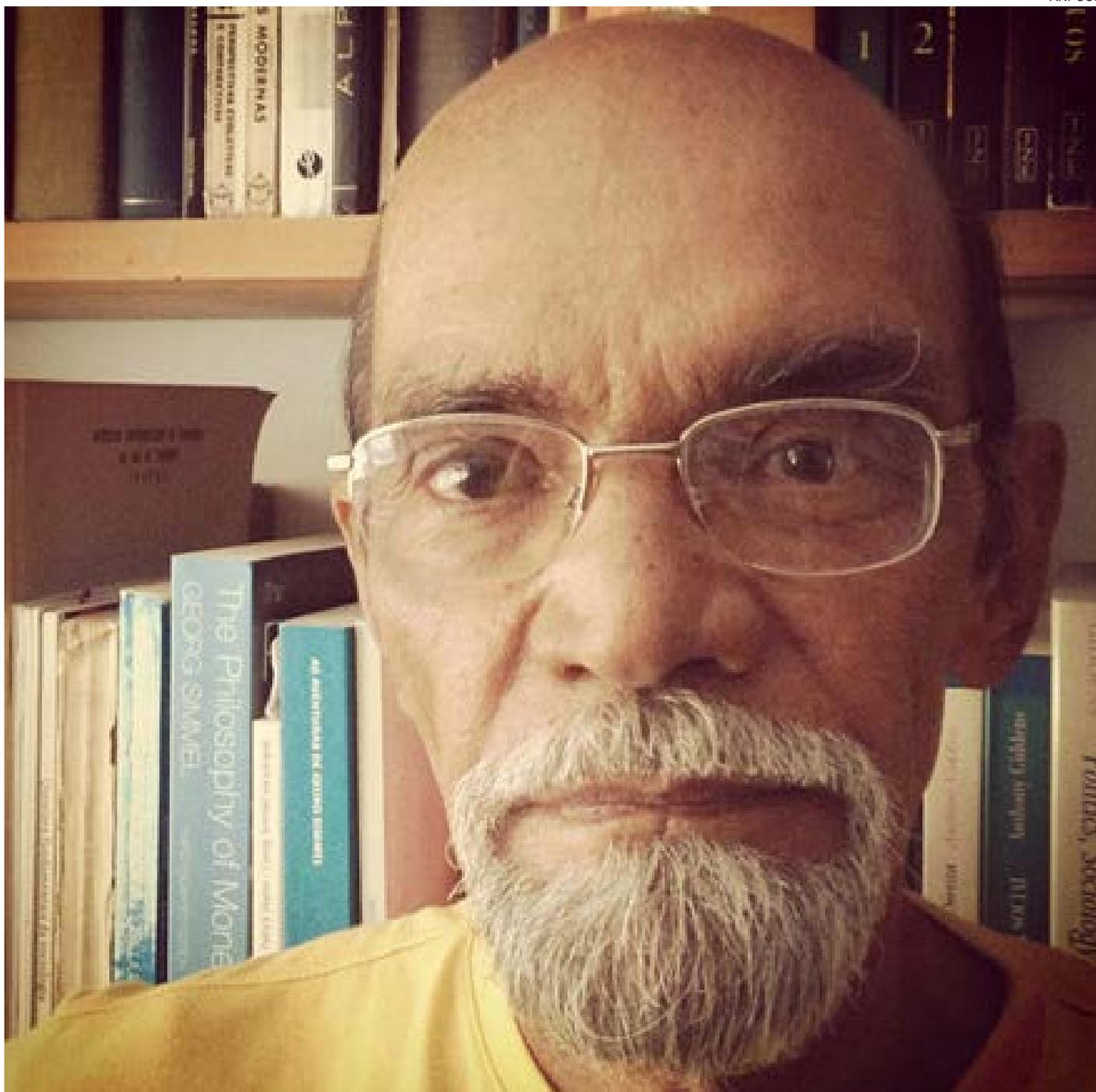
ESPECIAL

O sociólogo do mundo das camadas sociais urbanas e da violência

Luiz Antônio Machado da Silva morreu neste mês, vítima da Covid-19. Professor que gostava de ler e comentar os trabalhos dos alunos, ele será lembrado como um dos principais sociólogos da pobreza urbana brasileira

Michel Misse
29 de setembro de 2020

ANPOCS



Luiz Antonio Machado da Silva formou gerações de estudantes nos estudos urbanos e da informalidade do trabalho

Com a morte, em setembro último, de Covid, de Luiz Antônio Machado da Silva (1941-2020), encerra-se praticamente todo um ciclo de estudos e pesquisas da primeira geração de cientistas sociais que se debruçaram sobre a vida cotidiana das camadas populares em meio urbano, suas lutas, seu trabalho e suas condições de vida no Brasil. Em 2019 partiu Alba Zaluar e neste mesmo 2020, Lucio Kowarick. As mais recentes pesquisas de Licia do Prado Valladares datam de quinze anos atrás e Janice Perlman publicou o seu balanço de quatro décadas em 2010.[1] Licia Valladares, Lucio Kowarick, Alba Zaluar e Machado da Silva, os três últimos falecidos no decorrer de um ano, formaram duas ou mesmo três gerações de estudantes, que hoje são os principais especialistas nos estudos urbanos e da informalidade do trabalho no Brasil.

Machado, como era conhecido por colegas, amigos e estudantes, concluiu seus estudos de graduação na PUC do Rio de Janeiro em 1964, a mesma PUC de José Arthur Rios e Carlos Alberto de Medina, autores do primeiro trabalho de campo sobre favelas no Rio de Janeiro, conhecido pela sigla de SAGMACS, ainda nos anos 50, cerca de vinte anos depois dos sobrados e mocambos de Gilberto Freyre. [2] Machado foi fazer o seu mestrado no recém criado Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, defendendo sua dissertação, sobre “mercados metropolitanos de trabalho manual e marginalidade”, em 1971, um estudo mundialmente pioneiro sobre a informalidade no trabalho. Antes, publicara um artigo celebrizado pelo título e pela novidade, “o significado do botequim”, de muita originalidade. Em 1967, publicara outro artigo seminal, “A Política na Favela”, de grande influência até hoje.[3] Já reconhecido nos meios intelectuais do Rio, Machado lecionou no Museu Nacional e, a partir de 1975, no recém criado Programa de Pós-Graduação em Sociologia do IUPERJ, da Cândido Mendes. Em 1979 obteve o doutorado na Universidade Rutgers, em New Jersey, Estados Unidos e, a partir de 1986, tornou-se professor do Departamento de Ciências Sociais (hoje Sociologia) do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Foi um reconhecido mestre em sala de aula e um formidável orientador de teses e dissertações – suas observações críticas, anotações e comentários aos trabalhos dos alunos são guardados, por muitos deles, como troféus. Publicou muitos artigos importantes, de grande referência na área, enfiados em dois livros recentes: “Fazendo a Cidade. Trabalho, Moradia e Vida Local entre as Camadas Populares Urbanas” (Mórula Editores, 2016) e “O Mundo Popular. Trabalho e Condições de Vida”, organizado por Mariana Cavalcanti, Eugenia Motta e Marcella Araújo (Papéis Selvagens, 2018) [4].

A partir de 1993 Machado passa a publicar uma série de artigos sobre a questão da violência urbana no Brasil, chamando a atenção para os equívocos comuns nos trabalhos sobre o tema, especialmente a confusão de se operar com a noção de violência como se ela não fizesse parte do objeto, isto é, como se ela própria não fosse uma representação social e, portanto, também estivesse no bojo do que deveria ser analisado. Cuidadoso e rigoroso em seus argumentos, Machado também defendia que se tratasse a questão no âmbito da sociabilidade efetivamente existente e não subordinada ao discurso institucional legal. Para isso, defendia a ideia, original e muito produtiva, de se considerar que havia duas ordens sociais legítimas em convivência no mundo urbano. Para uma delas, reservou a sua proposta mais inovadora e polêmica, a de que existiria uma nova forma de sociabilidade emergindo, a que chamou de “sociabilidade violenta”, que abolia qualquer respeito ou consideração pela alteridade que não fosse a da desconfiança estratégica e do recurso universal à força como princípio de ação.

Luiz Antônio Machado da Silva nos deixou quando continuava a lecionar e publicar, apesar de sofrer os efeitos de várias cirurgias a que se submetera na última década. Premiado pela ANPOCS em 2016 pela excelência de seus trabalhos, gravou uma entrevista para a comemoração dos 50 anos do antigo IUPERJ (agora IESP-UERJ), quando se referiu a si mesmo, antes de mais nada, como o professor que durante meio século gostava de ler e comentar os trabalhos de seus alunos. Muito mais que isso, Machado da Silva ficará para todos os que o conheceram e para as gerações futuras como um dos principais sociólogos da pobreza urbana brasileira, das suas formas de vida e trabalho e de seus efeitos de violência cotidiana.

[1] Cf. Valladares, L.P., A invenção da favela (Rio, FGV, 2005); Valladares, L.P. e Medeiros, L., Pensando as favelas do Rio de Janeiro: 1906-2000 (Rio, Relume-Dumará, 2003). Perlman, J. Favela. Four Decades of Living on the Edge in Rio de Janeiro (Oxford University Press, 2010)

[2] Sobre o SAGMACS consultar Mello, M.A.S. et al, Favelas Cariocas ontem e hoje (Rio, Garamond, 2012).

[3] O artigo sobre a política na favela foi reeditado, junto a uma entrevista inédita comemorativa dos seus 70 anos, pela revista Dilemas, no v. 4, n. 4, 2011 (<https://revistas.ufrj.br/index.php/dilemas/issue/view/567>).

[4] Antes publicara em livro pesquisa com vários de seus alunos e ex-estudantes, Cf. Silva, L.A.M. et al, Vida sob Cerco. Violência e Rotina nas favelas do Rio de Janeiro (Rio, Nova Fronteira, 2008). Eleva-se a mais de uma centena o total de teses e dissertações defendidas sob a sua orientação.

Michel Misse

Professor Visitante do Programa de Pós Graduação em Justiça e Segurança pública da UFF. Professor Titular de Sociologia aposentado do Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro e pesquisador 1-B do CNPq

